

**RETRATOS DA VIDA: RELATOS DOS JOVENS DO DANÇA COMUNIDADE<sup>1</sup>****Recebido em:** 07/09/2008**Aceito em:** 10/10/2008

*Karina Cristofolletti Sarto*<sup>2</sup>  
*Nelson Carvalho Marcellino*<sup>3</sup>  
FACIS – UNIMEP  
Piracicaba – SP – Brasil

**RESUMO:** Parte de uma pesquisa de campo, realizada junto ao grupo *Dança Comunidade*, como um estudo de caso, este trabalho teve por objetivo verificar se a dança vista na interface entre os conteúdos artísticos, sociais e físico-esportivos do lazer pode ou não contribuir para a inserção de jovens da periferia das grandes cidades. A pesquisa nos mostrou que alguns jovens conseguiram autonomia financeira, tornaram-se reconhecidos na sua comunidade, perceberam que através da dança suas vidas mudaram, conheceram outras culturas, alteraram sua visão de mundo e superaram obstáculos para chegar a uma nova situação social. A pesquisa, portanto, demonstrou que a dança como possibilidade de lazer, contribuiu para a inserção desses jovens na sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventude. Dança. Lazer

**LIFE PORTRAITS: REPORTS OF COMMUNITY DANCE'S TEENAGERS**

**ABSTRACT:** Part of a field research, developed with the group *Community Dance*, as a case study, this work had as its objective to verify if the dance, comprehended in the interface among the artistic, social, and physic-sportive contents of leisure, can or cannot contribute to the insertion of teenagers from the suburbs in the big cities. The research has showed us that some teenagers have gotten financial autonomy, have become recognized in their community, have realized that through the dance their lives have changed, have known other cultures, have changed their world view and have overcome obstacles to get to a new social situation. The research, therefore, has demonstrated that the dance, as a leisure possibility, has contributed to the insertion of these teenagers in the society.

**KEYWORDS:** Youth. Dance. Leisure.

1 Dissertação apresentada como conclusão ao Mestrado de Educação Física na Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP em fevereiro de 2007.

2 Mestre em Educação Física pela Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, professora da Rede Estadual do Estado de São Paulo, Integrante do Grupo de Pesquisa em Lazer (GPL).

3 Livre Docente em Estudos do Lazer – Educação Física. Professor da Universidade Metodista de Piracicaba/ UNIMEP no curso de graduação e pós-graduação em Educação Física e líder do grupo GPL/UNIMEP. É coordenador do Núcleo Rede CEDES – Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer, do Ministério do Esporte, no IEP-UNIMEP.

### **Retratos da Vida...**

O presente estudo teve por objetivo verificar em que medida a prática da modalidade dança, situada nas interfaces dos conteúdos físico-esportivos, artísticos e sociais do lazer, contribuiu ou não para a inserção de jovens, da cidade de São Paulo.

Definimos como grupo a ser pesquisado, por critérios de acessibilidade e representatividade o *Dança Comunidade*, criado por Ivaldo Bertazzo, e que vem funcionando desde junho de 2003, na cidade de São Paulo. O grupo atualmente tem trinta e sete jovens da periferia paulistana, com idade de catorze a vinte e dois anos, e como meta de seu trabalho aponta para abordagem das fronteiras entre a arte e o trabalho social.

A seleção dos jovens para integrarem o *Dança Comunidade* deu-se através da equipe de produção do Professor Ivaldo Bertazzo, que procurou por algumas ONGs, levando informações e o convite para a participação de arte educadores e alunos que estivessem envolvidos com a dança ou com a música. A formação do grupo, portanto se deu através de testes, com as seguintes ONGs: Associação Novolhar (Favela Pantanal), Ação Comunitária Tiradentes (Cidade Tiradentes), Projeto Samaritano São Francisco de Assis (Ermelino Matarazzo), Centro de Educação Popular da Comunidade Nossa Senhora Aparecida (Ermelino Matarazzo), Associação Sarambeque (Jardim Monte Azul), Arrastão Movimento de Promoção Humana (Campo Limpo) e Fundação Gol de Letra (Vila Albertina).

Para que o Projeto se consolidasse ele contou com a parceria do SESC de São Paulo e com as sete Organizações Não Governamentais (ONGs) da periferia paulistana, citadas acima, tendo como patrocinador a Petrobrás e co-patrocínio do Instituto Votorantin.

Trata-se de um *estudo de caso*. O grupo foi escolhido por critérios não probabilísticos, intencional, de representatividade (tempo de existência do grupo, grau de visibilidade na comunidade, presença da dança nas programações, grau de inserção obtido), e acessibilidade. *Dança Comunidade* que foi escolhido também por já desenvolver um trabalho com jovens de periferia.

A pesquisa de campo foi realizada primeiramente, através da técnica de observação participante (GIL, 1999). Através da observação participante, junto a todos os jovens do grupo, pudemos notar o grau de desenvoltura na dança e a autonomia de alguns jovens que se sobressaiam dos demais e foram esses critérios que determinaram a escolha para a segunda fase de coleta de dados.

Foram selecionados dezoito jovens, porém somente doze jovens foram entrevistados, pela questão da acessibilidade. Na pesquisa de campo optamos em relatar um período da história de vida desses jovens, onde os relatos orais foram transcritos nas suas formas originais, sem correção gramatical ou de vícios de linguagem, para manter o rigor dos depoimentos. As entrevistas foram semi-estruturadas com perguntas abertas e aplicadas em um único momento, seguindo a técnica de investigação, permitindo a entrevistadora um maior contato com as histórias de vida de cada jovem escolhido para que se atingisse o objetivo da investigação.

A metodologia escolhida foi da história oral, já que acreditamos ser a mais adequada ao objetivo desse trabalho, uma vez que, se revela um momento de forte ligação com o passado, pela memória dos acontecimentos vividos, desempenhando a função da lembrança, conforme Bosi (1987, p. 332-333):

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende da sua interação.

O interessante da memória coletiva é que o indivíduo que a recorda, é o *memorizador* das camadas do passado onde somente para ele, foram significativas essas lembranças dentro de uma história em comum.

A história oral nesse caso vem contribuir para que os jovens relembrem fatos ocorridos no passado. Cruikshank (1998, p.151) nesse sentido nos coloca que:

“ História oral ” é uma expressão mais especializada, que em geral se refere a um método de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular”.

Para Cassab (2007) as fontes orais podem apresentar-se como histórias orais de vida, relatos orais de vida e depoimentos orais de vida, sendo que os dois primeiros são situações em que o próprio narrador referencia sua experiência e vida e no outro ele conta fatos ou informações que ele presenciou.

Consideramos a técnica de história de vida, mesmo que seja por um determinado período, pois, de acordo com Queiroz (1988, p. 20):

A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele considera significativo, através dela se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. Desta forma, o interesse deste último está em captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence. Porém, o relato em si mesmo contém o que o informante houve por bem oferecer, para dar idéia do que foi sua vida e do que ele mesmo é.

Desta perspectiva, através da história de vida, conseguimos que os sujeitos entrevistados relatassem livremente sobre as suas vidas, e que dessem relatos/depoimentos sobre as questões que lhe foram colocadas e intervimos no decorrer de certas respostas, pois surgiram novas pistas que possibilitaram complementar o instrumento aplicado (BONAZZI, 1998).

Em seguida realizamos uma análise mais profunda sobre todas as questões

abordadas dando maior ênfase no que se refere à dança e a inserção social.

### **As entrevistas**

Iniciamos nossa conversa com os jovens optando em saber por que eles se interessaram em participar de uma ONG. No decorrer das entrevistas com esses sujeitos eles abordaram os cursos e oficinas oferecidas por essas Organizações e notamos que, em algumas delas, há a preocupação em subdividir atividades para crianças e atividades para jovens. Nessas ONGs, acontecem as mais variadas oficinas nos campos da Arte/Cultura, Qualificação para o trabalho em primeiro lugar e depois Esporte e Saúde, em segundo.

Enfatizamos as *atividades culturais (arte, esporte, etc.)* porque nosso objetivo contemplava este aspecto, de forma mais enfática.

É interessante mencionarmos os motivos que levaram esses sujeitos a procurar por essas ONGs, e em suas falas, eles revelaram que: uns foram pelo teatro, outros pelos conteúdos oferecidos e pela cultura de modo geral.

Alguns deles iniciaram como alunos nas ONGs e hoje fazem trabalho voluntário nas mesmas; já outros ainda foram procurados pelas ONGS para darem aulas de dança afro, e/ou ser mediador de leitura.

E nesse contexto Camargo (1998, p.19) vem para contribuir com as falas dos sujeitos, quando afirma que:

O brincar também é terapêutico no trato com as populações marginais. Crianças e adolescentes de rua (grifo nosso) encontram nos jogos e atividades artísticas a única forma, às vezes, de comunicação com os trabalhos sociais (assistentes sociais, animadores) é a melhor alternativa para uma inserção mais sadia na sociedade.

Foi isso que esses sujeitos foram buscar nessas ONGs, oportunidade para o aprendizado, desenvolver a sua imaginação, adquirir mais conhecimentos em

diferentes áreas, perspectiva de um futuro melhor, vontade de conseguir e eles conseguiram, pois, alçaram um vôo muito mais alto do que podiam imaginar e mostraram do que são capazes para todos, inclusive para as suas famílias.

Uma grande família sem laços de sangue, é o que temos com o surgimento do grupo e é assim que eles se sentem. A dança trouxe muitas alegrias, conhecimentos e oportunidades nunca esperadas por eles (viajaram o mundo com o espetáculo *Samwaad – Ruas de Encontros*) e tudo isso contribuir para proporcionar a sua *inserção social*.

Em seus relatos alguns deixaram isso transparecer mais que outros, colocando a dança como instrumento que tornou isso possível. Nesse contexto FERREIRA (2005, p.35) diz que “a dança é um exercício de cidadania”. Eles passaram a dar valor para as coisas que eles conquistaram, principalmente por que nem todos tinham essa oportunidade.

Ana Mae Barbosa (1994, p.06) vem contribuir com o nosso estudo, à medida que defende a democratização cultural:

“Precisamos levar a arte, que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado, a se expandir, tornando-se patrimônio cultural da maioria e elevando o nível de qualidade de vida da população”.

Esses jovens, através da manifestação artística dança, fizeram e fazem arte, e é isso o que eles desejam, que todos tenham direito, que todos possam e queiram agarrar uma oportunidade, como a que eles tiveram, já que vivemos numa sociedade desigual. Em suas falas eles demonstraram isso claramente, pois verbalizaram que passaram a enxergar que através da dança as coisas podiam mudar, ter outro rumo. Em alguns casos são reconhecidos, nos bairros onde moram, devido à oportunidade que a ONG lhes ofereceu.

Nesse sentido o papel das ONGs foi de fundamental importância, já que elas

tiveram que conhecer as preferências dos jovens e as dificuldades encontradas para criar atalhos, na busca da sua inserção na sociedade (PINHO, 2005).

Como um dos objetivos da nossa investigação, queríamos saber como eles viam a dança no início do Projeto, e as respostas foram as mais variadas: *divertimento, curtição, um modo de se expressar*. Alguns jovens a viam como um *prazer*; constatamos também, que alguns deles fazem lazer sem saber que estão fazendo, porque talvez eles só vejam como lazer o que é veiculado pela mídia (MARCELLINO, 2001). E os jovens que descreveram a dança como possibilidade de lazer, falaram dela como: *hobby, diversão, fim de semana, sair com os amigos, esfriar a cabeça e curtição*. Diversão, prazer, fazer o que gosta são significados atribuídos ao lazer. É assim que os sujeitos descreveram o modo como viam a dança no seu início, embora nem sempre utilizando a palavra.

Já outros jovens viam a dança como ela é descrita mais comumente na literatura disponível, ou seja, como modo de expressão. Nesse sentido, Schwartz (2000, p.99) criou espaço para a manifestação do “Homo Expressivus”, e revela que:

Valorizava os elementos do prazer, da afetividade e da emoção, da criatividade, especialmente embutidos nas dimensões estética e lúdica no sentido de estimular a formação de indivíduos construtores ativos de suas culturas, ao invés de meros espectadores ativos.

Todas essas respostas estão vinculadas diretamente ao entendimento do lazer.

Como a cultura - compreendida no seu sentido mais amplo - vivenciada (praticada ou fruída), no ‘tempo disponível’. É fundamental, como traço definidor, o caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A ‘disponibilidade de tempo’ significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa” (MARCELLINO, 1987, p. 31).

A noção de cultura deve ser entendida em sentido amplo, consistindo “... num conjunto de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente,

envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve” (MACEDO, 1982, p.85). Implica, assim, no reconhecimento de que a atividade humana está vinculada à construção de significados que dão sentido à existência. A análise da cultura, pois, não pode ficar restrita ao “produto” da atividade humana, mas tem que considerar também o “processo dessa produção”- “o modo como esse produto é socialmente elaborado” (Idem).

Com isso, passamos para outro ponto de discussão, pedindo para que os jovens relatassem como viam a dança hoje. Alguns expressaram que a dança é: *mágica, trabalho, uma coisa boa, profissão*. Esses sujeitos, só a vêem como algo profissional, que proporcionou muitas coisas para eles, com possibilidades de ajudar as suas famílias com o dinheiro que recebem no Projeto. Já para os outros ela significa: *refugio, arte, prazer, diversão, manifestação cultural, lazer e hobby*

Apesar de vários jovens verem a dança atualmente como profissão, eles não deixaram de ressaltar nela *algo prazeroso, gostoso de fazer, curtir*. Isso é interessante, se levarmos em conta que eles têm, hoje, o DRT (registro de dançarinos profissionais), como muitos colocaram nos seus relatos orais Fica claro que muitos deles conseguem enxergá-la das duas perspectivas: ora como trabalho, ora como lazer. E nós acreditávamos de início, que eles diriam que eram apenas profissionais atualmente, sem pensar nesse outro lado.

Brenner, Carrano e Dayrell (2005) vêm para reforçar a falas desses jovens, pois eles afirmam que nas práticas do lazer devemos buscar as atividades que nos proporcione alguma forma de realização pessoal e excitação, permitindo assim uma fuga temporária da rotina.

Fechando esse ciclo, através dos relatos da história de vida desses jovens

podemos perceber que eles enquanto sujeitos se sentem inseridos na sociedade em que vivem.

### **Caminhos de Encontros...**

É assim que podemos deixar registradas as reflexões finais deste trabalho. As falas dos jovens nos revelaram o cotidiano em que eles vivem. Deixaram o anonimato e hoje são reconhecidos pelo trabalho que desenvolvem através da dança, e a auto-estima é traço marcante nos seus depoimentos.

Neste sentido Campello (2005, p.17) vem contribuir com nosso estudo, à medida que afirma que:

“Hoje, a auto-estima e a confiança num futuro melhor são marcantes nesses jovens e apontam para a importância que atividades culturais de maior duração e alcance podem ter em processos de integração social”.

Este trabalho nos mostrou as fronteiras entre a arte e o trabalho social, nas quais os caminhos percorridos nos levaram aos mais variados encontros. Encontro entre “o centro e a periferia, entre o local e o global; o popular e o erudito, a dança e a música, a técnica e a expressividade” (MIRANDA, 2005, p.07-08), e pudemos ver que é através dessa possibilidade, que esses jovens foram se inserindo socialmente, e conquistando seu espaço a cada dia.

Falar sobre inserção social num país como o nosso, parece ser sonho, pois não há empenho geral, através de políticas públicas eficientes, para uma sociedade mais igualitária. Mas existem alguns trabalhos sendo realizados, colocando em paralelo, iniciativas como os casos das ONGs, aqui mencionadas, que investem na participação dos jovens oferecendo a eles cursos e oficinas, dando-lhes possibilidades de ter uma visão de futuro.

Hegarty (2004, p.81) fala da *inserção* como a oportunidade que os indivíduos têm de “participar das atividades educacionais, de emprego, de consumo, de lazer, comunitárias e domésticas”, que são específicas do cotidiano.

Concordamos com Hegarty (2004), que todas as pessoas devem ter a oportunidade de participar de atividades que ocorrem no seu cotidiano. Vemos, assim, a possibilidade de inserção pelo lazer, através de seus conteúdos culturais, especificamente nas interfaces dos interesses físico-esportivos, artísticos e sociais na dança, enquanto instrumento para vislumbrar caminhos capazes de levar à inserção cultural e social, comprometida com valores que rompam com a lógica hegemônica da exclusão vigente da nossa sociedade.

A dança é vista como forma de conhecimento e está ligada a duas áreas: a Arte e a Educação Física. Pensando a dança no contexto da Educação Física ficou clara essa possibilidade especificamente nos conteúdos físico-esportivos, em que prevalecem os movimentos, e nos quais estão presentes a vontade de exercitar-se fisicamente, o aprimoramento da coordenação motora, o equilíbrio dinâmico, a flexibilidade, a amplitude articular, a resistência localizada, a agilidade e a elasticidade muscular. E a dança permite tudo isso.

Por outro lado, pensando nos interesses artísticos, onde o indivíduo trabalha o *sonhar acordado*, o *faz-de-conta*, a elaboração espontânea da fantasia, o estético, a criatividade, a expressão em que ele exercita a imaginação, também estão muito presentes. Este conteúdo é visto como arte; e a intuição pode ser desenvolvida por meio das atividades construtivas, como a dança (READ, 2001), já que nas coreografias os corpos desenham traços no ar envolvendo técnica (objetividade) e emoção (subjetividade), enfatizando o seu conteúdo é estético, na busca pela beleza e

encantamento. Quando falamos em expressão, notamos, através da dança, o exercício da arte, onde há quebra de paradigmas e a imaginação prepondera. Assim, o jovem poderá criar seu *mundo*, através do movimento, respeitando sua experiência de vida e a sua cultura.

Percebemos ainda, a relação com os conteúdos sociais do lazer que envolve todo o modo do ser humano expressar suas aquisições culturais e manifestações afetivas, através do contato com pessoas, relacionamentos, a comunicação e a integração social, contribuindo para a transformação do indivíduo em pessoa e de pessoas em cidadãos. E, por fim, em se tratando dos aspectos sociais, os jovens ao realizar os movimentos em conjunto expressam todos os seus sentimentos, existindo assim, uma troca, uma inter-relação de experiências, o que amplia os horizontes socioculturais desses jovens.

Alguns jovens em seus depoimentos mostraram que conseguiram autonomia financeira, e outros perceberam que através da dança a sua vida podia mudar, e como já dissemos, são reconhecidos na comunidade em que vivem. O projeto de que participam proporcionou o conhecimento de outras culturas, eles superaram obstáculos para chegar aonde chegaram, e mudaram sua visão de mundo.

Constatamos que a dança, como possibilidade de lazer e de inserção social para jovens, trabalha com o que temos de mais íntimo - o corpo. A inserção proporciona novos conhecimentos e oportunidades para jovens da periferia que não teriam facilidade de se realizar fora de projetos semelhantes ao *Dança Comunidade*.

Nosso trabalho, portanto, comprovou que a dança como possibilidade de lazer contribui para a inserção desses jovens na sociedade. Com ele pudemos averiguar que projetos realizados por ONGS, de caráter inovador, envolvendo jovens da periferia das grandes cidades, mostram que existe, sim, a possibilidade da juventude ter o direito à

cultura e ao lazer e se inserir através deles, na sociedade de que faz parte, podendo assim modificar seus hábitos, costumes e ter voz ativa nos seus grupos sociais e fora deles, preservando a diversidade cultural.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BRENNER, Ana Karina; DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. *In*: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Branco, 2005.

BONAZZI, Chantal de Tourtier. Arquivos: propostas metodológicas. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade – lembranças de velho**. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.

CAMARGO, Luis Otavio de Lima. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

CAMPELLO, Carmute. Periferia, cultura e transito social. *In*: \_\_\_\_\_. **Tenso equilíbrio na dança da sociedade**. São Paulo: SESC, 2005.

CASSAB, Latif Antonia. **História Oral: miúdas considerações para pesquisar em Serviço Social**. Disponível em: <[http://www.ssrevista.uel.br/c\\_v5n2\\_latif.htm](http://www.ssrevista.uel.br/c_v5n2_latif.htm)>. Acesso em 08 jul. 2008.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. *In*: FERREIRA, Moraes (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FERREIRA, Eliana Lucia. **Corpo, movimento, deficiência: as formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação**. Minas Gerais: CBDCCR, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HEGARTY, Seamus. O apoio centrado na escola: novas oportunidades e novos desafios. *In*: FELTRIN, Antonio Efro. **Inclusão social na escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença**. São Paulo: Paulinas, 2004.

MACEDO, Carmem Cinira. Sobre cultura. In: VALLE, E. & QUEIROZ, J. (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo. EDUC, 1982. p. 83-93.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Políticas de Lazer. Mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e esportes**. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. **Lazer e Educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

MIRANDA, Danilo Santos de. Arte e trabalho social: caminhos do encontro. In: CAMPELLO, Carmute. (Org.). **Tenso equilíbrio na dança da sociedade**. São Paulo: SESC, 2005.

PINHO, Diva Benevides. **Jovens da periferia da Capital Paulista: Arte, Cooperação e Inclusão Social**. Disponível em: <[http://www.econ.fea.usp.br/seminarios/2005\\_1/diva\\_pinho.pdf](http://www.econ.fea.usp.br/seminarios/2005_1/diva_pinho.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2008.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SINSON, Olga de Moraes Von (Org.). **Experimentos com história de vida (Itália – Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

READ, Hebert. **A Educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SCHWARTZ, Gisele Maria. Homo Expressivus – as dimensões estética e lúdica e as interfaces do lazer. In: BRUHNS. Heloísa Turini. (Org.). **Temas sobre lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.

#### **Endereço dos Autores:**

Karina Cristofolletti Sarto  
Endereço Eletrônico: ka\_sarto@terra.com.br

Nelson Carvalho Marcellino  
R. 14 de dezembro 428 apt. 41  
Campinas – SP – 13015-130  
Endereço Eletrônico: marcelin@supernet.com.